Viajores

poemas

Declaração
À Jacira

Não é possível marcar a hora da ternura,
Não é preciso dizer do amor, o que se atura.
Todas as horas são apenas horas, nem
O que conta é saudade dos momentos,

Esta é a verdadeira história do amor, da dor,
Do conjunto de lisuras, seja porque for...
Enquanto fomos ardentes, porque jovens...
O quanto somos amigos, porque vividos...

E o que somos agora, ambos na muda?
Somos o que seria experiência da verdade
Dormentes, doridos, pouco prosas, mas

Inconscientemente necessários para
O que conta no atual momento, o amor.
Que não o separe o firmamento

Viajor

Sem caravelas
Viajo
Este barco de não velas,
Que burla o tempo,
Que saiu de mim
Antes de mil e quinhentos,e,
Vaga meus mares e intentos.

Sem caravelas, sei-me
Centrado na viagem em mim
Que de mim me entendo, viajor
Dos longes...
(que é pouco o mar para meus destinos)

Sem caravelas faço descobrimentos
Nas vagas dos cais sensíveis,
Viajo ao centro do mundo,
Meu epicentro.

A procura

Amanhece...
Sempre a mesma cena:
Poetas falam às flores, mas
É estéril a ilusão do claro;

Faz-se escuro
Onde lavram seu suor
E suas feridas
Os mesmos garis de sempre,
Garimpando a vida.

Asilos

Nos porões guardamos pessoas
Que a idade não devora,
Assim como velhas panelas,
Vasos quebrados...
Algumas quimeras que
Não foram embora.

Florações

As vidas passam
Como passa o tempo das amoras,
Que floram, que frutificam,
Que secam, que viram pó.
Mas,
A exemplo das amoras,
Continuam cheirando doce
Às narinas prontas.

Retratos

O coração pulsa forte,
Explora novas considerações,
O silêncio eterniza o momento,
A sala, sem nada a mobiliar-se,
Explora o senso de braços
Estendidos...

Talvez um lustre, talvez um guizo,
Mas, sempre, a espera
De um sentido.

Está tudo aqui, o sol, a lua,
Os abajures incoloridos,
Agora as vozes, distantes dos retratos
E o mar... O mar...
Na visão de infinitos.

Solidão

Acutilada pela mágoa
Faz-se nevosa a madrugada...
O que pastava
Fuma seu último cigarro
Ao som dessa cigarra.

A tristeza da luz
Em luz se ofusca.

Os restantes bêbedos da
Hora amarga fazem-se
Eretos
Para serem vistos
Sóbrios...

O que restou da lágrima?

Pela clareira...

Havia um menino,
Cortador de lenhas,
Que descuidadamente cortou
O pé e sangrava.
Faz tempo. Faz tanto tempo que
Só não esqueço o sujo das faces e
Seu olhar em desespero.

O tempo esfumou-se...
Não sei do menino nem sei
Da clareira,
Sei do olhar, que continuo vendo,
Tão desesperado e sujo como
Do fornalheiro, nas lixeiras.

Nas lixeiras da cidade
Já não é de uso os fornos à lenha
Mas Se usa meninos, para
Meu desespero.

Bibelôs

Esses bonecos de jardim,
Se vida tivessem,
Tu os veria em bandos,
Correndo suas despedidas

Foi assim, na última chuva,
Boiando pelo alagado da rua,
Que os vi felizes marotos
Despiedados de seus degredos.

Dançavam cirandas,
Cantavam retretas...
Dos tempos crianças.

Que bom que, despregos,
Se voltam às tranças,
Se alegram crianças.

Conscientização

O tempo o procura
Pela milionésima vez
Para lembrar o que
Fez e desfez.

Na mente enrugada
Uma estranha outra pessoa...
Agora outra, agora outra,
Agora nada.
Assim acompanho o féretro
Do amigo à última
Morada.

O tempo me procura
Pela enésima vez
Para lembrar o que
Me fiz, que me fez.
Que é quase nada
Na Envilecida t

Pontos de vista

Deitado no gramado
Vislumbro
A vertigem do céu.
Parece tanto com o reflexo
No lago.
(parece muito com o
Que me foi sugado)

Deitado na grama
Penso peixinhos e sapos
No fundo verde deste lago.
Parece tanto com o reflexo
No céu.
(olhando esse céu do
Alto do gramado)

Rancho

De que vales estamos falando?
Do vale das perobas?
Dos cafezais?
Da inutilidade de casas
E seus fundos quintais?
De que feras dissertamos?
Da assombração de onças?
Das estórias por contar
Da disseminação de machados
Que machucaram demais...

De que feras amedrontamos?
Das que sangraram onças,
Águas, perobais...
Com que feras coabitamos?
Não mais com o bramido da fome
Nos ferozes matagais,
Mas com o bramido dos homens
Com suas fomes demais.
Planos de vida

Invejo
A coragem do avô italiano
Que recriou seu lar
Além do oceano.

Forças

O pardalzinho,
Com suas aselhas,
Pode mais que
O gato, sem nenhuma,
Com suas presas...

Tratado sobre a cegueira
Parte 1
(À luz do sol)

A noite,
À procura dos gestos,
Apalpa frontes em silêncio;
Ah... Aqui já somam olhares
Entre vidros e cartazes, e, uma
Voz anunciando as formas
De onde poderia erguer-se e
Alcançar o sol

No silêncio
Eleva-se uma parede
(imaginária)
E cerca a vontade de ir
Adiante.
À sensibilidade dos dedos
Toca objetos e faces,
Construindo o belo,
A doçura do belo!
Parte 2
(à luz da lua)

À procura dos gestos
O susto
De encontrar alguém
Adormecido, e, acordá-lo,
(Que pode ser o homem ou
O cão em guarda)

A espera de tocar um
Muro inconstruido e
Ouvir sussurros dos
Retratos, e, enfim,
Encontrar as ondas
No marulhar das águas
Tão longe do mar...
No silêncio
A procura do gesto
Amigo de tocar
O céu límpido que,
Enfim, pôde encontrar.
Parte 3
(À luz da verdade)

À procura dos gestos
O coração pulsando forte,
Agora,
Explora novas considerações,
O mar é promessa de brisa...
O silêncio eterniza
O gesto que simboliza
A vitória da persistência.

Está tudo aqui ...
O sol, a lua, o dia intocado.
Apenas um sussurro mostra
O outro lado,
As formas de sombras e
O respirar da alma
Nos distantes retratos
Do dia antes
De chegar.

Pelos caminhos do sábado

Se vai à feira de roubados,
Se vai às coxas das meninas,
Se sabe que a semana foi-se
Pelos últimos carregadores

Um burburinho de festas
De lixos e de mochilas,
De cheiros de manga doce e
O amargo das bebidas.

Pelos caminhos do sábado
Se proclamam as aleluias
Na preparação do domingo

Pelos pecados do sábado
As igrejas se locupletam
Já que o sábado é findo.

Altares

A lua cheia açula
A cadela no cio,
Um vaso podrido
Recende à flor...

O velho esculpidor
De altares volta,
Por um momento
A vida se refaz.

Na escureza da noite
O cão que marcava
Posses, enamora-se

Há nova floração no
Altar desconstruído
Pela fereza humana.